



ELEIÇÕES EM PORTUGAL

André Ventura, candidato do partido de extrema direita, é o favorito no primeiro turno do pleito presidencial, mas não deverá conquistar vaga no Palácio de Belém. Qualquer que seja resultado, o partido Chega ganhará projeção política

Patrocoo de Melo Moreira/AFP



Ventura finalizou campanha com uma caminhada em Lisboa, na sexta-feira: "Socialismo nunca mais!"

Patricia de Melo Moreira/AFP



O socialista António José Seguro faz último apelo ao povo: "Não basta ter o voto no coração e na cabeça"

O sonho de chegar ao poder

» RODRIGO CRAVEIRO

O futuro de Portugal começará a ser decidido, hoje, quando 11.039.672 eleitores irão às urnas para escolher, entre 11 candidatos, quem será o próximo presidente da República. Apesar de favorito no primeiro turno, André Ventura, líder do partido de extrema direita Chega, tem poucas chances de conquistar a principal cadeira do Palácio de Belém, em Lisboa, e suceder o atual presidente, o conservador Marcelo Rebelo de Sousa. Com Ventura praticamente garantido na nova rodada eleitoral, em 8 de fevereiro, segundo as pesquisas de opinião pública, a incógnita fica por conta de quem será o seu adversário. As sondagens colocam o socialista António José Seguro e o direitista Luís Marques Mendes, apoiado pelo premiê Luís Montenegro, com chances reais de disputar o segundo turno com Ventura. Mesmo que o candidato da extrema direita não chegue ao poder, é praticamente certo que o pleito de hoje consolide a ascensão eleitoral de seu partido.

Na sexta-feira passada, último dia de campanha, Ventura demonstrava otimismo. "Continuamos a

liderar todas as sondagens. Vamos lá vencer isto no domingo. Socialismo nunca mais!", escreveu em seu perfil na rede social X. Ele pediu que o Partido Social Democrata (PSD), de Montenegro, e o Iniciativa Liberal (IL), de João Cotrim de Figueiredo, não criem um obstáculo a uma eventual vitória sua que "impeça o socialismo" de retornar ao poder. "Se, como os números indicam, o segundo turno for entre mim e Seguro, o que eu espero do líder do PSD, da Iniciativa Liberal e de outros movimentos e de apoios mais conservadores e de direita, é que não sejam um obstáculo", declarou o líder do Chega, citado pelo jornal *Diário de Notícias*.

Mendes encerrou a campanha com um almoço com mulheres, em Lisboa, e uma caminhada em Sintra. "Quero ser presidente de todos, com moderação e independência, para unir Portugal e defender a nossa estabilidade democrática", declarou. Por sua vez, Seguro fez um alerta ao eleitorado: "Não basta ter o voto no coração e na cabeça. É necessário colocar a cruzinha no quadrado à frente da fotografia do Seguro". "Só serei presidente se a maioria dos portugueses votar em mim. Tenho essa confiança, muita confiança", acrescentou o

Eu acho..

Arquivo pessoal

"É difícilimo que André Ventura seja eleito. Nesse cenário, é mais provável que haja uma revisão constitucional, no sentido de uma guinada presidencialista, com um presidente com mais poderes e que condiciona, de forma determinante, o governo e outros órgãos institucionais. Do ponto de vista das políticas, espera-se que o novo presidente intensifique as restrições

pairam acusações de assédio feitas por uma ex-colaboradora.

Cancela credita ao fenômeno de crescimento da extrema direita o fato de o Chega ter ocupado o espaço deixado por partidos tradicionais percebidos como distantes, pouco responsivos e incapazes de dar resposta a sentimentos de abandono. "O Chega começou a ser mais bem-sucedido entre jovens do sexo masculino de áreas periféricas, muitos deles sem educação superior e que estavam essencialmente desligados da política. A desconfiança nas instituições e a mobilização de 'outsiders' internos como foco de ressentimento funcionaram neste público. Além disso, erodiram as barreiras normativas que antes estigmatizavam o tipo de discurso feito pelo Chega — mesmo que as atitudes anti-imigração e anti-elites estivessem presentes no eleitorado português antes da emergência do partido", acrescentou.

socialista, que escolheu a cidade de Porto para finalizar a campanha.

Professor de ciência política da Universidade Nova de Lisboa, João Cancela explicou ao **Correio** que as probabilidades de André Ventura chegar à Presidência de Portugal são baixas. "Isso por ser necessário ter mais da metade dos votos, e Ventura é o candidato com taxas de rejeição mais elevadas. Ainda assim, somente a chegada ao segundo turno, que neste momento

MARCO LISI, professor do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (em Lisboa)

parece uma forte possibilidade, seria uma vitória em si mesmo (para a extrema direita). Tal resultado da consolidação, definitivamente, a normalização do Chega e de Ventura na política portuguesa", observou. O segundo turno somente será evitado se um candidato obtiver maioria absoluta dos votos. O estudioso vê o liberal de direita João Cotrim Figueiredo também com chances de encarar Ventura em fevereiro. Contra ele

nulas. No segundo turno, qualquer candidato terá, facilmente, a maioria absoluta dos votos. Existe uma forte rejeição em relação ao Chega por parte do eleitorado moderado e, sobretudo, de esquerda", afirmou ao **Correio**. Ele compartilha da ideia da existência, em Portugal, de uma grande adesão à crítica contra o sistema. "Há uma insatisfação em relação ao sistema político e uma elevada perda de afeição em relação ao establishment, sobretudo entre os grupos mais jovens."

Lisi destacou que o tema da imigração tornou-se nevrálgico nos últimos anos. "O crescimento exponencial da imigração não europeia (sobretudo asiática) tem sido associado a vários problemas em Portugal, tanto econômicos quanto sociais", comentou. O partido de André Ventura também se beneficia da crise de credibilidade das principais legendas portuguesas, afetadas por uma série de escândalos ao longo da última década, o que prejudicou a imagem desgastada da elite política. "Finalmente, o Chega teve sucesso por causa do sucesso da liderança populista de Ventura, que adotou outro tipo de linguagem e outro tipo de comunicação — baseado fortemente nas redes sociais."

Rejeição

Marco Lisi, professor do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (em Lisboa), concorda com Cancela em relação às chances de Ventura. "As probabilidades são praticamente

ANEXAÇÃO DA GROENLÂNDIA

Trump ameaça tariffar quem se opuser

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou ontem vários países europeus com a imposição de tarifas aduaneiras de até 25% até que seja concretizada a compra da Groenlândia pelos norte-americanos. Enquanto o norte-americano aumentava a pressão pela anexação do hoje território autônomo dinamarquês, milhares de manifestantes tomavam ruas de Nuuk, na ilha groenlandesa, e de várias cidades da Dinamarca para rejeitar as pretensões trumpistas.

Sob um céu nublado, manifestantes formaram uma maré vermelha e branca, as cores da bandeira da Groenlândia, na praça da Prefeitura de Copenhague, a capital dinamarquesa, exibindo cartazes com slogans

como "Os Estados Unidos já têm gelo suficiente" ou "Make America Go Away" (Faça os Estados Unidos irem embora), parafraseando o slogan de Trump, "Make America Great Again" (Faça os EUA grandes de novo).

A advertência de Trump se dirigiu à Dinamarca e a outros países europeus, incluídos alguns parceiros da Otan, que se opõem a que o vasto território, rico em minerais, estrategicamente situado às portas do Ártico e com uma população de 57 mil habitantes, passe a ser estadunidense.

A partir de 1º de fevereiro, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Alemanha, Reino Unido, Países Baixos e Finlândia estarão sujeitos a uma sobretaxa adicional de 10% sobre todos os produtos exportados aos Estados Unidos, anunciou Trump

AFP



Manifestantes protestam em Copenhague contra pretensão dos EUA

em uma publicação em sua plataforma, Truth Social.

"Em 1º de junho de 2026, a tarifa será aumentada para 25%" e deverá ser aplicada "até que se alcance um

acordo para a compra completa e total da Groenlândia", escreveu.

O republicano disse que "esses países, que estão jogando um jogo muito perigoso, assumiram um nível de risco

SAUL LOEB / AFP



Donald Trump tenta subjugar aliados europeus

que não é sustentável, nem tolerável".

Desde que voltou à Presidência, Trump impôs tarifas a produtos da grande maioria de seus parceiros comerciais, para fazer frente ao

que Washington considera práticas comerciais desleais e como uma ferramenta para pressionar os países a se alinharem às políticas dos Estados Unidos.